



**A CONSTRUÇÃO TRANSITIVA PROTOTÍPICA E A  
CONSTRUÇÃO TRANSITIVA CAUSATIVA NO PORTUGUÊS:  
UM CASO DE VARIAÇÃO CONSTRUCIONAL?**

**THE PROTOTYPICAL TRANSITIVE CONSTRUCTION AND THE  
CAUSATIVE TRANSITIVE CONSTRUCTION IN PORTUGUESE:  
A CASE OF CONSTRUCTIONAL VARIATION?**

*Monclar Guimarães Lopes<sup>1</sup>*

**RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo investigar a existência de variação construcional entre a estrutura transitiva prototípica [ $X_{\text{agente}}$  VERBO  $Y_{\text{afetado}}$ ] e a estrutura transitiva causativa [ $X_{\text{agente}}$  VERBO.COM  $Y_{\text{afetado}}$ ], duas construções de estrutura argumental que compartilham propriedades no polo semântico – ambas selecionam um sujeito agente e um objeto afetado –, mas são diferentes no polo da forma: a segunda contém uma preposição (*com*) entre verbo e complemento. Como aporte teórico, emprega-se a Linguística Funcional Centrada no Uso (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, entre outros), em especial, o modelo das *aloconstruções* (CAPPELLE, 2006; PEREK, 2015), que busca descrever e representar as relações de variação na rede construcional. Outrossim, adota-se uma metodologia quali-quantitativa, no intuito de obter possíveis generalizações quanto à descrição das propriedades da forma e do significado dessas construções. Para a análise, foram selecionadas, do *Corpus Now* ([www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org)), 600 ocorrências com os verbos *acabar*, *cessar* e *explodir*, que são recrutados tanto pela construção transitiva prototípica (CTP) quanto pela construção transitiva causativa (CTC). Os resultados evidenciam que, muito embora as duas estruturas não sejam totalmente equivalentes e nem sempre intercambiáveis, há entre elas uma relação de variação construcional, uma vez que existem contextos de uso em que ambas são

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos da Linguagem, Universidade Federal Fluminense. Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UFF). [monclarlopes@gmail.com](mailto:monclarlopes@gmail.com).



passíveis de serem recrutadas para expressar um mesmo valor de verdade.

**PALAVRAS-CHAVE:** construção transitiva prototípica; construção transitiva causativa; variação construcional; Linguística Funcional Centrada no Uso.

## ABSTRACT

This paper aims at investigating the existence of constructional variation between the prototypical transitive structure  $[X_{\text{agent}} \text{ VERB } Y_{\text{affected}}]$  and the causative transitive structure  $[X_{\text{agent}} \text{ VERB.COM } Y_{\text{affected}}]$ , two argument structure constructions that share similar properties in the semantic pole – as far as both have an agent subject and an affected object –, but are different in the formal pole: the latter contains a preposition (*com*) between the verb and the object. As theoretical support, we adopt the Cognitive-Functional Linguistics (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, among others), specially, the *allostructions* model (CAPPELLE, 2006; PEREK, 2015), that seeks to describe and illustrate the synonym relations in the constructional network. Besides, we apply a quali-quantitative methodology, in order to obtain possible generalizations for the description of the properties of form and meaning. In the analysis, we investigated 600 tokens, from the *Corpus Now* ([www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org)), with the verbs *acabar* (to finish), *cessar* (to finish) and *explodir* (to explode), since they are all recruited by the prototypical transitive construction (PTC) and the causative transitive construction (CTC). The results exhibit that, although both structures are not totally equivalent nor always interchangeable, they share a relationship of constructional variation, since there are contexts that both can be selected to express the same truth condition.

**KEYWORDS:** prototypical transitive construction; causative transitive construction; constructional variation; Cognitive-functional Linguistics.

## Introdução

No português brasileiro e no europeu, os verbos *acabar*, *cessar* e *explodir* são recrutados por três diferentes construções de estrutura argumental: a construção intransitiva  $[X_{\text{paciente}} \text{ VERBO}]$ , a construção transitiva prototípica  $[X_{\text{agente}} \text{ VERBO } Y_{\text{afetado}}]^2$  e a construção transitiva causativa  $[X_{\text{agente}} \text{ VERBO.COM } Y_{\text{afetado}}]$ . Como ilustração, observemos as seguintes ocorrências do verbo *explodir* (uma de cada tipo), todas extraídas do *Corpus Now*, do sítio *Corpus do Português*<sup>3</sup>:

- (1) Rosimeire conta que foi a última a sair, enquanto ouvia a criança gritar, corria pelos cômodos da casa na tentativa de encontrá-la. “A Nicole parou de gritar, eu vim para

---

2 Identificamos a construção transitiva prototípica como a construção transitiva direta canônica, em que há um sujeito agente e um objeto afetado pela ação do verbo. Houve a necessidade de diferenciá-la das outras construções transitivas diretas, haja vista que estas podem apresentar argumentos com papéis temáticos distintos.

3 O *Corpus Now* é um *corpus* de dados sincrônicos de aproximadamente 1.2 bilhão de palavras, constituído de textos do gênero notícia e reportagem da Web, e compreende o período de 2012 ao tempo presente (2019). O *Corpus* está disponível no seguinte endereço: <<http://www.corpusdoportugues.org/now/>>

cozinha, eu estava começando a desfalecer e senti que **o botijão ia explodir**, então pulei a janela”, lembrou. – (18-09-28 BR)

- (2) Um trio foi detido no momento em que se preparava para **explodir caixas eletrônicos** em Porto de Galinhas, no Ipojuca, Região Metropolitana do Recife (RMR) na noite dessa quinta-feira (27). – (18-09-28 BR)
- (3) Quando alguém diz que as máquinas da Samsung também explodem, amanhã estão a dizer que as máquinas de café também explodem. Tudo para desviar atenções. Algum **espertinho resolveu explodir com os aparelhos** e foram fazer barulho. – (16-09-29PT)

Como podemos observar, o exemplo (01) é um *token* da construção intransitiva; (02), da construção transitiva prototípica; (03), da construção transitiva causativa. Neste estudo, especificamente, interessa-nos apenas os dois últimos tipos.

O motivo de nosso particular interesse reside no fato de as duas últimas construções compartilharem algumas propriedades do significado, a despeito da diferença no plano da forma: a segunda apresenta uma preposição entre verbo e complemento. Sendo assim, os exemplos da construção transitiva prototípica (CTP) e da construção transitiva causativa apresentam algumas propriedades comuns, a saber: 1) os sujeitos são termos de papel agente; os objetos, termos de papel afetado; 2) nas duas ocorrências, há manutenção do sentido do verbo – *o de destruir toda a estrutura física de um elemento por meio da ação de armas*. Os sujeitos agentes são preenchidos por elementos de traço + humano – *um trio* em (02) e *algum espertinho* em (03). Os objetos são elementos individuados, que representam elementos concretos passíveis de serem destruídos – *caixas eletrônicos* em (02) e *aparelhos* em (03).

Como sabemos, na abordagem construcional da gramática, é comum a defesa do princípio da não-sinonímia (cf. GOLDBERG, 1995), que prevê que construções com diferenças formais apresentarão diferenças de ordem semântica e/ou pragmática. Aparentemente, esse conceito, num primeiro momento, parece negar a existência da variação construcional, isto é, de estruturas alternativas que possam ser selecionadas para expressar um mesmo valor de verdade em uma mesma situação de produção do discurso. No entanto, assumimos a hipótese de que os exemplos supracitados da CTP e da CTC de *explodir* ilustram a existência de duas estruturas alternáveis – nas situações em que foram empregados –, sendo possível, inclusive, a proposição de paráfrases com a manutenção do valor de verdade (muito embora não sejam semanticamente idênticas). Vejamos:

- (05') a) O BCE vai cessar a compra de ativos.  
b) O BCE vai cessar com a compra de ativos.
- (06') a) Um trio se preparava para explodir caixas eletrônicos.  
b) Um trio se preparava para explodir com caixas eletrônicos.

- (08') a) A Igreja deve apressar-se em cessar com essa ação.  
b) A Igreja deve apressar-se em cessar essa ação.
- (09') a) Batman tem o Power Suit para poder explodir com coisas.  
b) Batman tem o Power Suit para poder explodir coisas.

Dessa maneira, esse texto se propõe a investigar a existência de variação construcional entre a CTP e a CTC dos verbos *acabar*, *cessar* e *explodir*, por meio de análise empírica de dados do uso. Para esse fim, empregamos metodologia quali-quantitativa, em que selecionamos 600 ocorrências, todas extraídas do *Corpus Now*, assim distribuídas: a) 100 ocorrências para cada CTP de *acabar*, *cessar* e *explodir*; b) 100 ocorrências para cada CTC de *acabar*, *cessar* e *explodir*. Basicamente, como veremos a seguir, embora a CTP e a CTC não sejam construções necessariamente sinônimas – na medida em que há contextos de uso em que tais estruturas não se equivalem –, existem, sim, contextos de neutralização, isto é, em que as duas construções podem ser interpretadas pelo falante como padrões alternáveis para a expressão de um mesmo valor de verdade. Para tratamento desse fenômeno, empregamos nesta análise os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso. Para tratamento desse fenômeno, empregamos nesta análise os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, entre outros), em especial, as reflexões de Cappelle (2006) e Perek (2015) sobre as *aloconstruções*, um modelo para o tratamento da variação no âmbito da Gramática de Construções.

Com o objetivo de atender a essa proposta, este texto se organiza da seguinte maneira: na seção 1, trazemos uma reflexão inicial sobre a diferença metodológica nos estudos funcionalistas clássicos e nos estudos sociolinguísticos e mostramos a possibilidade de diálogo entre essas duas perspectivas em um modelo construcional de análise gramatical. Na seção 2, analisamos as propriedades da CTP e da CTC, buscando descrever em que consistem suas semelhanças – subseção 2.1 – e diferenças – subseção 2.2. Por fim, fechamos o trabalho com as considerações finais e as referências bibliográficas.

## **1. Teoria variacionista, Funcionalismo e Abordagem Construcional da Gramática**

Muito embora o Funcionalismo Clássico<sup>4</sup> e a Sociolinguística Variacionista descrevam a língua a partir dos usos concretos da linguagem e reconheçam-na como um instrumento em constante processo de (re)fazimento, o emprego da abordagem variacionista nos estudos funcionalistas era visto de modo crítico por alguns estudiosos. Martelotta (2009), por exemplo, a despeito de reconhecer a relevância da quantificação para a análise linguística funcional,

---

4 O termo Funcionalismo Clássico remonta à perspectiva do Funcionalismo Norte-Americano adotado na segunda metade do século XX e início do século XXI, cujos estudos se pautavam, prioritariamente, na trajetória de mudança de um item que partia do léxico para a gramática, ou ainda, do menos para o mais gramatical. Nesse modelo, as investigações funcionalistas ainda não faziam uso da abordagem construcional da gramática, de orientação cognitiva.

julgava<sup>5</sup> o procedimento inadequado aos estudos referentes a processos de mudança por gramaticalização, uma vez que “nem sempre esses fatos linguísticos constituem fenômenos variáveis” (MARTELOTTA, 2009, p. 01). Ainda a esse respeito, o autor teceu as seguintes observações:

Tenho notado ultimamente que algumas pesquisas – sobretudo dissertações e teses – vêm usando a metodologia variacionista em análises explicitamente funcionalistas de fenômenos de mudança, relacionados a processos de gramaticalização. Isso constitui, pelo menos em princípio, um problema, já que, de um modo geral, gramaticalização focaliza a evolução de uma forma (ou estrutura) linguística na direção de novos valores (ou de novas estruturas), ou seja, o fenômeno que Hopper (1991) chama *divergência*. Embora a coexistência de duas formas com a mesma função exerça influência sobre a mudança, não me parece que seja essa a questão central dos estudos em gramaticalização, e, de fato, os trabalhos funcionalistas que utilizam a metodologia quantitativa quase nunca estão interessados no papel que a variação desempenha na mudança estudada. (MARTELOTTA, 2009, p. 1-2)

Consideramos a avaliação de Martelotta (2009) bastante pertinente à época, haja vista que a investigação funcionalista, em sua versão clássica, busca prioritariamente descrever a emergência de novos significados e/ou de novas funções morfossintáticas de um mesmo item/construção ao longo do tempo, levando em conta os mecanismos cognitivos motivadores da mudança (em especial, *a metaforização* e *a metonimização*). Por sua vez, as investigações da Sociolinguística Variacionista procuram comparar como dois ou mais itens/construções competem pelo uso nos contextos em que apresentam o mesmo valor de verdade. Dessa maneira, por exemplo, enquanto o Funcionalismo Clássico pretende descrever por que a expressão nominal *a gente* evolui de uma função substantiva para uma função pronominal – isto é, do léxico para a gramática –, a Sociolinguística Variacionista objetiva expor em que contextos *a gente*, na função pronominal, compete com o canônico *nós*, avaliando fatores estruturais e, sobretudo, sociais, tais como idade, escolaridade e gênero.

Não obstante as diferenças supracitadas, hoje, com a Linguística Funcional Centrada no Uso – resultado de um casamento entre a Linguística Funcional Norte-Americana e a Linguística Cognitiva, em especial a abordagem construcional da gramática –, torna-se não apenas possível como também pertinente o emprego da abordagem variacionista em uma parte dos estudos funcionalistas, sobretudo naqueles em que se buscam descrever as relações horizontais existentes entre construções, ligadas a um mesmo *type* superordenado. Sustentamos que isso se dá basicamente por duas razões: 1) a abordagem construcional da gramática (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001, entre outros) defende que a totalidade do conhecimento linguístico do falante pode ser capturada por meio de construções – isto é, por esquemas simbólicos de forma e significado – e, portanto, sendo a variação uma parte tangível do

---

<sup>5</sup> Vale frisar que o uso do passado aqui é proposital. Referimo-nos a uma época em que o Grupo de Estudos Discurso & Gramática, liderado na UFRJ por Martelotta, trabalhava com a versão clássica do Funcionalismo Norte-Americano.

conhecimento linguístico do falante, ela deve estar prevista nesse modelo – na medida em que os falantes reconhecem a existência de diferentes construções, que possibilitam, em determinados contextos de uso, a expressão de um mesmo valor de verdade; 2) uma vez que as construções linguísticas estão inter-relacionadas vertical e horizontalmente, várias pesquisas devem prever a descrição de duas ou mais construções em relação de alternância. Observemos, como ilustração, a alternância “locativa”, citada por Goldberg (2002, p. 337):

(a) She loaded the wagon with the hay<sup>6</sup>.

(b) He loaded the hay onto the wagon.

Uma vez que a Gramática de Construções refuta a proposta derivacional da Gramática Gerativa, em que as alternâncias são interpretadas como o resultado de transformações e regras lexicais, Goldberg (2002) considera que, em (a) e (b), temos *tokens* de duas construções independentes, que, por isso, devem ser analisadas separadamente, levando-se em consideração suas propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas. Porém, não podemos negar que ambas ocorrências têm o mesmo valor de verdade: [X VERBO Y with Z] e [X VERBO Y onto Z]. Por “mesmo valor de verdade”, queremos dizer que, embora as duas construções não sejam sinônimas<sup>7</sup>, elas podem ser empregadas para fazer referência a um mesmo evento, o que traz à tona seu potencial intercâmbio. Logo, um modelo de gramática que declara ser capaz de representar a totalidade do conhecimento linguístico na mente do falante deve procurar descrever também as relações de alternância, sobretudo no que se refere à possibilidade de seleção de uma ou outra construção pelos falantes nos diferentes contextos de uso.

Vale ressaltar que, nos estudos sociolinguísticos, a ideia de que temos duas ou mais variantes para uma mesma variável nasce nos fenômenos sonoros, especialmente na gênese das investigações labovianas na década de 70. Afinal, aparentemente, no domínio da fonologia, não há distinções semânticas sensíveis, como, por exemplo, na diferente realização de *r* entre a variedade carioca [‘poXta] e a caipira [‘poɾta]. Não obstante, o mesmo raciocínio não parece valer para o domínio morfossintático, de modo que alguns pesquisadores da Sociolinguística Variacionista, no passado, chegaram a admitir que, fora do âmbito da fonologia, não haveria duas formas diferentes que apresentariam exatamente o mesmo significado (cf. LAVANDERA, 1978).

Esse ponto de vista pode ser evidenciado com os seguintes dados e observações extraídos de Hilpert (2014, p. 188), na comparação entre a construção ditransitiva e a dativa preposicionada:

---

6 Em português: a) Ela carregou o vagão com o feno; b) Ela carregou o feno no vagão.

7 As duas construções não são consideradas sinônimas porque são pragmaticamente distintas. Há entre elas uma diferença de foco: em (a), o foco é o feno – *hay*; em (b), vagão – *wagon*. Vale frisar que, na perspectiva da Gramática de Construções, a sinonímia compreende não apenas semântica, como também pragmática – cf. *princípio da não sinonímia* (GOLDBERG, 1995).

- (i) A: Do we have any more wine?  
 B: No, I'm afraid there's nothing left.  
 A: But we had that last bottle of Merlot!  
 B: Yes, but...  
     ... I gave John that last one.  
     ... I gave that last one to John<sup>8</sup>.
- (ii) A: Do we have any more wine?  
 B: No, I'm afraid there's nothing left.  
 A: But it's John's Birthday and I need to bring something!  
 B: Yes, well...  
     ... you could give John some chocolate.  
     ... you could give some chocolate to John<sup>9</sup>.

Hilpert (2014, p. 188), por meio desses dois exemplos elaborados, testados em experimentos psicolinguísticos, busca mostrar que a construção ditransitiva e a dativa preposicionada não são sinônimas, em virtude de suas propriedades pragmáticas. Nesse sentido, o contexto linguístico motiva o emprego da dativa preposicionada em (i) *I gave that last one to John* e da ditransitiva em (ii) *you could give John some chocolate*. O motivo está relacionado ao fluxo informacional, mais especificamente, às relações de tópico e foco. O tópico, que representa a informação velha, tende a assumir a posição do primeiro objeto e o foco a do segundo. Ou seja: uma vez que, em (i), o tópico é a garrafa de vinho, que assume a primeira posição na dativa preposicionada, há mais chances de que o falante selecione essa construção, e não a ditransitiva. O mesmo raciocínio vale para (ii), em que John é o tópico e, por isso, favorece a escolha da construção ditransitiva.

A partir desses dados, podemos chegar à seguinte conclusão: a construção dativa preposicionada e a ditransitiva são semanticamente equivalentes (no sentido de prever o sentido *X transfere Y para Z*), mas pragmaticamente distintas, já que sua seleção, no discurso, é sujeita aos elementos disponíveis no contexto linguístico precedente. Inclusive, de acordo com Bresnan (2007 *apud* HILPERT, 2014, p. 188), os experimentos psicolinguísticos evidenciam que os falantes demonstram forte preferência pela construção em que o foco ocupava a posição do segundo objeto. No entanto, vale frisar que preferência não significa regra de uso. Ou seja, existem usuários que, a despeito das questões contextuais, escolhem uma construção no lugar da outra, o que reflete, sem dúvida, uma relação – mesmo que não categórica – de variação construcional.

No campo da Sociolinguística, já se propunha a investigação de regras variáveis na morfossintaxe, a despeito do reconhecimento da inexistência de uma sinonímia absoluta. Weiner

8 Tradução nossa: A: nós temos mais vinho? B: Não, eu receio que não tenha restado nada. A: mas tínhamos uma última garrafa de Merlot. B: Sim, mas... (i) eu dei a John a última garrafa; (ii) eu dei a última garrafa a John.

9 Tradução nossa: A: nós temos mais vinho? B: Não, eu receio que não tenha restado nada. A: mas é o aniversário de João e eu preciso levar algo! B: Sim, bem... (i) você poderia dar ao João um chocolate; (ii) você poderia dar um chocolate a João.

e Labov (1983 [1977]) e Labov (1978), por exemplo, já apresentaram, no final da década de 1970, uma alternativa para o estudo da variação na morfossintaxe. No lugar de se pautarem exclusivamente na sinonímia, buscavam a equivalência no significado representacional, isto é, a mesma condição de verdade. No trabalho *Constraints on the agentless passive*, por exemplo, os autores (1983 [1977]) apresentam uma análise quantitativa dos fatores que determinam a seleção de construções passivas no lugar de ativas no inglês norte-americano e concluem que, nessa escolha, está implicado o foco ou a ênfase que o falante dá à informação.

Admitir que diferentes construções morfossintáticas que apresentam a mesma condição de verdade estejam em relação de variação construcional é bastante plausível em uma abordagem construcional da gramática. Afinal, se consideramos a existência de uma *constructicon* com nós superordenados, em que as construções de níveis mais baixos se agrupam em um mesmo esquema, entendemos que podem existir contextos em que qualquer uma delas (ou pelo menos várias delas) pode ser escolhida para expressar o mesmo conteúdo referencial<sup>10</sup>. Rosário (2019), por exemplo, no estudo da correlação aditiva, defende que os pares correlativos aditivos – *não só... mas também*; *não somente... mas ainda*; *não somente... porém*; entre outros – compõem um quadro de variação construcional.

Tendo como referência os estudos de Lambrecht (1994) e Daneš (1964) sobre as alosentenças – “pares divergentes de sentenças semanticamente equivalentes, mas formal e pragmaticamente distintas” (LAMBRECHT, 1994, p. 6) –, Cappelle (2006) propõe um tratamento para esse tipo de fenômeno, sob o rótulo *aloconstruções*, uma analogia à ideia de *alofonia* e *alomorfia*. Na investigação da variabilidade da posição das partículas verbais nos *phrasal verbs* (por exemplo, *let down a friend* vs *let a friend down*<sup>11</sup>), o autor desenha um modelo em que as variantes se estabelecem em uma relação horizontal, ligadas a uma variável, em relação vertical, superordenada. Na figura 01, abaixo, podemos verificar que a construção superordenada prevê as duas possibilidades de posição das partículas verbais:

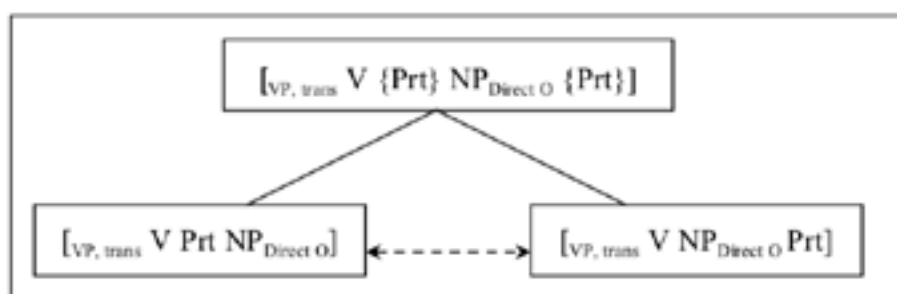


Figura 1. A construção transitiva de partículas verbais e suas aloconstruções<sup>12</sup>

10 Vale ressaltar que esse ponto de vista está, muitas vezes, condicionado ao modo como representamos a rede. Uma representação de caráter mais funcional ou semântico, como proposta por Traugott e Trousdale (2013, p. 17) – e.g. rede dos quantificadores –, favorece mais a representação hierárquica de nós aloconstrucionais do que uma representação em que os elos se estabelecem, prioritariamente, pelas abstrações da forma.

11 Em português: deixar um amigo para baixo (emocionalmente).

12 Fonte: Cappelle (2006, p. 18).



Sob esse ponto de vista, construções como [*put X on*] ou [*put on X*], por exemplo, são interpretadas como variantes de uma mesma variável, pois apresentam equivalência semântica, a despeito da diferença formal (relacionada à posição da preposição) e pragmática (o mais comum é que a preposição ocupe a segunda posição quando há um objeto leve, anafórico, disponível no contexto imediato).

A seguir, após a definição e descrição de nosso objeto de estudos, discutiremos acerca das contribuições que essa abordagem nos apresenta.

## 2. A construção transitiva prototípica (CTP) e a construção transitiva causativa (CTC): relações de semelhança e de diferença

Inicialmente, cabe-nos apresentar adequadamente as duas construções em estudo – a construção transitiva prototípica (CTP) e a construção transitiva causativa (CTC) –, especialmente a CTC, ainda pouco divulgada. A CTP representa a construção transitiva mais básica do português [SUJ VERBO OD], em que há um sujeito de papel agente e um objeto de papel afetado, conforme observamos na ocorrência abaixo:

- (4) Totalmente, todo. Quando ele saiu do governo – ele saiu antes, para não transmitir ao Negrão de Lima –, nós fomos de carro com ele para a praia do Flamengo, para a casa dele, e acabou a conta. Porque o Negrão tinha ódio do Carlos Lacerda e vice-versa. Então, *ele acabou a conta ali*. E era uma conta fantástica, não tinha pedido, não tinha nada. Era a Denison. E o Carlos Lacerda chamava a Denison na casa dele assim à 1h da manhã. – (12-04-21 BR)

Em (04), a oração *ele acabou a conta ali* é um *token* da CTP<sup>13</sup>, que representaremos, a partir de agora, do seguinte modo: [ $X_{\text{agente}}$  VERBO  $Y_{\text{afetado}}$ ]. Segundo Langacker (2008, p. 356), esse tipo de construção representa a cláusula arquetípica da língua, pois é próprio de nossa cognição o foco no agente – o qual representa a origem da energia – e nos efeitos resultantes de sua ação – que se manifestam no paciente. No plano da forma, no português e em diversas línguas naturais, a instanciação dessas propriedades semânticas – e cognitivas – concretiza-se por meio de uma estrutura composta por três elementos [SUJ – VERBO – OBJETO], mesmo que nem sempre nessa ordem.

Além dessa estrutura argumental, há uma outra, pertencente tanto ao Português Brasileiro quanto ao Europeu, que também seleciona um sujeito agente e um objeto afetado num tipo de predicação que representa “a transferência de uma atividade de um agente para um paciente” (CUNHA, COSTA e CEZARIO, 2015, p. 28). Trata-se da construção transitiva

13 Cabe frisar, mais uma vez, que, embora a CTP represente, grosso modo, o que entendemos por oração transitiva direta (ou construção transitiva direta), tais termos não são intercambiáveis, uma vez que nem toda construção transitiva direta, necessariamente, apresenta um sujeito agente e um objeto afetado.

causativa (CTC), um tipo de padrão argumental em que há a preposição *com* entre verbo e complemento –  $[X_{\text{agente}} \text{VERBO.COM } Y_{\text{afetado}}]$ , que vem sendo descrito por Lopes (2015; 2017); Lopes e Menezes (2018).

O termo *causativa* refere-se tanto à origem da construção – cuja emergência está associada a uma neoanálise da construção inacusativa, em que havia um sujeito paciente e um adjunto adverbial com propriedade semântica de causação<sup>14</sup> – quanto às propriedades semânticas da construção – na medida em que os construtos instanciados por esse padrão sintático são parafraseáveis por uma construção com o verbo *fazer*  $[X \text{ faz } Y \text{ VERBO}]$  – por exemplo: *eu desapareci com o bolo* à *eu fiz o bolo desaparecer*. Observemos, abaixo, um dado empírico desta construção, com o verbo *acabar*:

- (5) Semicúpio: Rapaziadas. Ora, ande, vá-se aí para dentro e não faça outra: seja sisuda e virtuosa, que assim manda o direito, *honestè vivere*.  
Dona Nize: À obediência de vossa mercê. (Vai-se)  
Dom Gilvaz: Homem, ***acabemos com isso***, venha Dona Clórios, por quem estou suspirando.  
(SILVA, António José. *Guerra do Alecrim e da Manjerona*. Teatro do século XVIII)<sup>15</sup>

Normalmente, objetos afetados não são preposicionados. Em (05), a despeito de haver preposição entre verbo e complemento, não lhe atribuímos um significado. Trata-se, no nosso ponto de vista, de um tipo de servidão gramatical<sup>16</sup>, conforme aponta Bechara (2004, p. 421), quando reconhece a ausência de significação da preposição nos complementos relativos. Desse modo, apesar da diferença no polo da forma, as duas construções –  $[X_{\text{agente}} \text{ACABAR } Y_{\text{afetado}}]$  e  $[X_{\text{agente}} \text{ACABAR.COM } Y_{\text{afetado}}]$  – compartilham algumas propriedades no polo do significado no que tange à seleção dos papéis temáticos de seus argumentos.

A seguir, trataremos inicialmente das semelhanças entre a CTC e a CTP, no polo do significado e, em sequência, de suas diferenças.

## 2.1. Relações de semelhança entre a CTP e a CTC

A CTP e a CTC, embora não sejam construções sinônimas – conforme exploraremos melhor na seção 2.2 –, são hipoteticamente alternáveis em alguns contextos de uso, uma vez

14 Por questões de espaço e de escopo, não abordaremos aqui a origem da CTC. Para saber mais a respeito, confira Lopes e Menezes (2018).

15 Diferentemente das demais ocorrências, essa foi extraída do *Corpus Vercial* (Linguatca), pois se trata de dado diacrônico, investigado em pesquisa anterior sobre a emergência da CTC de *acabar*.

16 Defendemos que essa servidão gramatical se dá em virtude da origem da CTC, que advém da neoanálise – e posterior construcionalização – da construção inacusativa em que o adjunto adverbial é encabeçado pela preposição *com*. Há, nesse caso, a persistência da preposição na estrutura da nova construção. Para mais informações a respeito desse processo, conferir Lopes (2017) e Lopes e Menezes (2018).

que podem recrutar elementos análogos. Vejamos, inicialmente, algumas ocorrências que evidenciam esse ponto de vista:

- (6) Uma quadrilha especializada em roubo a banco **explodiu um caixa eletrônico** do Bradesco, na madrugada desta quinta-feira, no município de Pariconha, sertão alagoano. A ação criminosa durou poucos minutos. De acordo com as informações do 9º Batalhão da Polícia Militar (BPM), eram cerca de dez criminosos. Ainda não se sabe o valor levado pela quadrilha. Os policiais acreditam que o caixa estava vazio, pois não foram encontradas notas de dinheiro pelo estabelecimento. – (18-05-24 BR)
- (7) Paul Chambers foi preso após ter escrito uma piada no seu Twitter em que dizia que iria **explodir com o aeroporto da sua cidade**, em Doncaster, tudo porque o seu voo havia se atrasado, o que o irritou. Chambers foi preso, suspeito de um atentado terrorista, e ficou sob custódia com a polícia durante sete horas. – (15-12-27 BR)
- (8) “Os indiciados são donos, ou vendedores, ou pessoas que se apresentavam publicamente como sócios dessas empresas. Todos são jovens, com idade média de 22 anos, cada. Para a Polícia Civil, houve má-fé”, explicou o delegado. Inicialmente, todos os envolvidos seguem em liberdade e não haverá pedido de prisão. “Todos eles se apresentaram na Polícia Civil, se comprometeram a **cessar a atividade fraudulenta** e por isso não preenchem os requisitos para pedidos de prisão no momento.” – (18-09-26 BR)
- (9) A organização ambiental espanhola *Plataforma Stop Uranio* congratulou-se hoje pelo Parlamento português ter instado o executivo de Lisboa a pressionar Madrid para **cessar com a exploração de urânio** na Espanha até a população portuguesa ser consultada. Num comunicado, citado pela agência noticiosa EFE, a rede de associações ambientais espanhola elogiou a posição contrária de Portugal aos projetos da empresa Berkeley para a exploração de urânio nos municípios de Retortillo e Villavieja de Yeltes, centro oeste da Espanha e próximo da fronteira com Portugal. – (17-03-18 PT)

Defendemos que, nos exemplos supracitados, podemos atestar uma relação de variação construcional entre as CTP e a CTC. Sendo assim, poderíamos substituir a CTP pela CTC em (06) e (08), bem como a CTC pela CTP em (07) e (09), sem que esse procedimento implicasse alteração sensível no significado, como podemos ver abaixo:

- (06’) Uma quadrilha explodiu com um caixa eletrônico.
- (07’) Paul Chambers dizia que iria explodir o aeroporto da sua cidade.
- (08’) Todos eles se comprometeram em cessar com a atividade fraudulenta.
- (09’) Pressionar Madrid para cessar a exploração de urânio.

Dessa maneira, nos termos de Cappelle (2006) e Perek (2015), poderíamos defender a

existência de uma relação *aloconstrucional* entre a CTP e a CTC nos contextos em que tais construções podem assumir o mesmo valor de verdade, ou melhor, em que efetivamente competem pelo uso. Como veremos na seção 2.2, a CTC, via de regra, representa uma expansão dos contextos de uso da CTP – com abstratização do sentido do verbo e com expansão *host-class* (HILMMELMANN, 2004) dos elementos selecionados para as posições argumentais da construção. Para melhor compreensão, inicialmente, analisemos as propriedades da CTP de *cessar* e *explodir*:

<b>Cessar</b>	<b>Explodir</b>
[X <sub>agente</sub> CESSAR Y <sub>afetado</sub> ]	[X <sub>agente</sub> EXPLODIR Y <sub>afetado</sub> ]
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. O verbo, na CTP, assume o sentido básico, isto é, de um processo em curso que é interrompido por meio da ação de um agente;</li> <li>2. O termo agente é, prioritariamente, representado por um elemento de traço humano (seja porque esse traço é prototípico do substantivo – <i>secretário, homem, artista, etc.</i> –, seja porque o elemento faz referência a esse traço por meio de relações metonímicas – <i>o Governo, a revista TV Guia, etc.</i>), mas também pode ser ocupado por um elemento não humano (<i>a lei, a decisão, etc.</i>);</li> <li>3. O termo afetado é preenchido por um substantivo abstrato que tem ideia de processo em curso (<i>atividade, contrato, produção, etc.</i>).</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. O verbo, na CTP, assume o sentido básico, isto é, de algo passível de ser explodido;</li> <li>2. O termo agente é representado por um elemento humano (seja porque esse traço é prototípico do substantivo – <i>homens, quadrilha, suspeito, eles, o grupo</i> –, seja porque o elemento faz referência a esse traço por metonímia – <i>uma técnica de luta que explode oponentes</i>);</li> <li>3. O termo afetado é sempre um elemento concreto passível de ter sua estrutura física completamente destruída por meio de armas (<i>caixa eletrônico, ônibus, carros, bancos, prédios, planetas, etc.</i>).</li> </ol>

**Quadro 1.** Propriedades do significado da CTP de *cessar* e *explodir*

As propriedades acima referidas representam generalizações a que chegamos a partir de 100 *tokens* da CTP de *cessar* e 100 *tokens* da CTP de *explodir*. Na análise da CTC desses mesmos verbos, observamos a existência dessas mesmas propriedades em uma significativa quantidade de dados. Vejamos, a seguir, o quadro que consolida essas informações, bem como algumas ocorrências que ilustram a correspondência de propriedades entre a CTP e a CTC em determinados contextos de uso:

CESSAR		EXPLODIR	
Total de ocorrências analisadas da CTC de <i>cessar</i>	100	Total de ocorrências analisadas da CTC de <i>explodir</i>	100
Ocorrências em que as propriedades da CTC de <i>cessar</i> correspondem às da CTP – Dados absolutos	73 (73%)	Ocorrências em que as propriedades da CTC de <i>explodir</i> correspondem às da CTP – Dados absolutos	20 (20%)

**Quadro 2.** Ocorrências em que a CTC de *cessar* e *explodir* apresenta propriedades análogas às da CTP

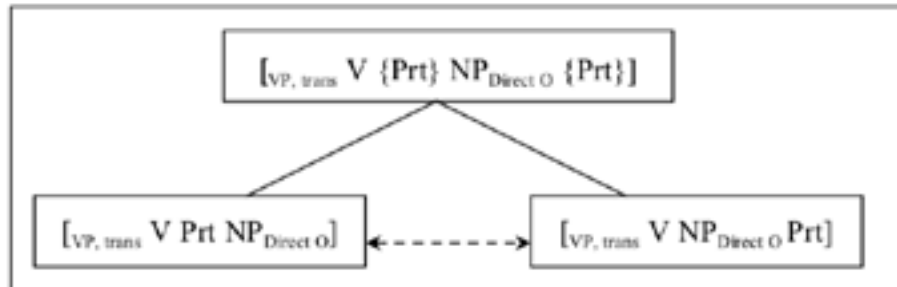
- (10) Você tem que saber, conhecer bem os segmentos pra depois você perceber o melhor pra você. No estado que você está, minha irmã, o melhor é você se direcionar a uma consulta com um guia chefe de um terreiro de Umbanda, ou ir até uma consulta aos búzios com um zelador de Candomblé. Você primeiro precisa **cessar com essa confusão que está dentro de você**, nutrir sua cabecinha, pra depois decidir qual rumo tomar. – (18-02-11 BR)
- (11) Num esforço conjunto, os fãs do jogo no Reddit compilaram uma lista de coisas que foram vistas em trailers, ou ditas por Sean Murray, o criador do jogo, e que não apareceram na versão final, que chegou na semana passada ao PC e PlayStation 4. Por exemplo, não é possível aterrar em asteroides, nem tão pouco temos a liberdade **de explodir com as estações espaciais ou grandes frotas de naves**. – (16-08-17 BR)

Como podemos observar, as ocorrências (10) e (11) são exemplos da CTC que compartilham as mesmas propriedades da CTP, na medida em que: 1) em (10), o sujeito *você* exibe o traço agente + humano. O verbo apresenta a ideia de interrupção de um processo e seu objeto é um substantivo abstrato (confusão), que também apresenta a ideia de processo; 2) em (11), há sujeito humano (nós, elíptico), o verbo apresenta seu sentido literal e o objeto é algo passível de ser detonado.

Os percentuais expressos no quadro 2 evidenciam que o espaço de neutralização entre a CTP e a CTC é bastante diferente para os verbos investigados. Afinal, há 73% de equivalência para os casos da CTC de *cessar* e 20% para os de *explodir*. Não obstante, mesmo não se tratando de uma regra categórica (em que a CTP implique a CTC, e vice-versa), isso não invalida a possibilidade de existência de duas variantes para uma variável, na medida em que um falante, em determinados contextos, pode selecionar uma ou outra para a expressão do mesmo estado-de-coisas, isto é, para estabelecer o mesmo valor de verdade.

Por conseguinte, do mesmo modo que Cappelle (2006, p. 18) estabelece a existência de

uma variável superordenada, com formas sub-especificadas para os *phrasal verbs* do inglês – conforme vimos na figura 1 –, podemos propor um hiperesquema que preveja a instanciação da CTP e da CTC como suas variantes, isto é, como construções totalmente abstratas ligadas a uma outra ainda mais abstrata. Não obstante, para isso, precisamos fazer algumas considerações sobre a investigação de Cappelle (2006). Retomemos por ora a figura 1:



**Figura 1.** A construção transitiva de partículas verbais e suas aloconstruções

Segundo Cappelle (2006), as construções  $[_{VP, trans} V Prt NP_{Direct O}]$  e  $[_{VP, trans} V NP_{Direct O} Prt]$  são semanticamente equivalentes, isto é, admitem o mesmo valor de verdade quando realizadas no discurso. A diferença entre elas se estabelece nas propriedades morfosintáticas – mais especificamente, na posição admitida pela partícula verbal – e nas propriedades pragmáticas, pois se defende que a posição final da partícula esteja associada à instanciação de um objeto anafórico (ativo na memória de curto prazo) e/ou leve (com pouco material fônico). Sendo assim, quando o objeto traz uma informação nova e/ou é pesado (com muito material fônico), a tendência é a de que ele ocorra depois da partícula verbal. Como um dos exemplos, Cappelle (2006, p. 15) cita uma busca feita no Google em 06/02/2004 pelas expressões *invite some people over*<sup>17</sup> e *invite over some people*. A primeira construção apresentou 309 ocorrências, ao passo que a segunda apenas 02. Como podemos verificar abaixo, a instanciação desta está associada ao peso e à complexidade do objeto, que apresenta uma oração relativa encaixada:

(5a) They (...) wanted to invite some people who had never seen their house in the Sunset district before. (www.spies.com/~rawdon/journal/2001/04/22.html – accessed 6 February 2004)<sup>18</sup>

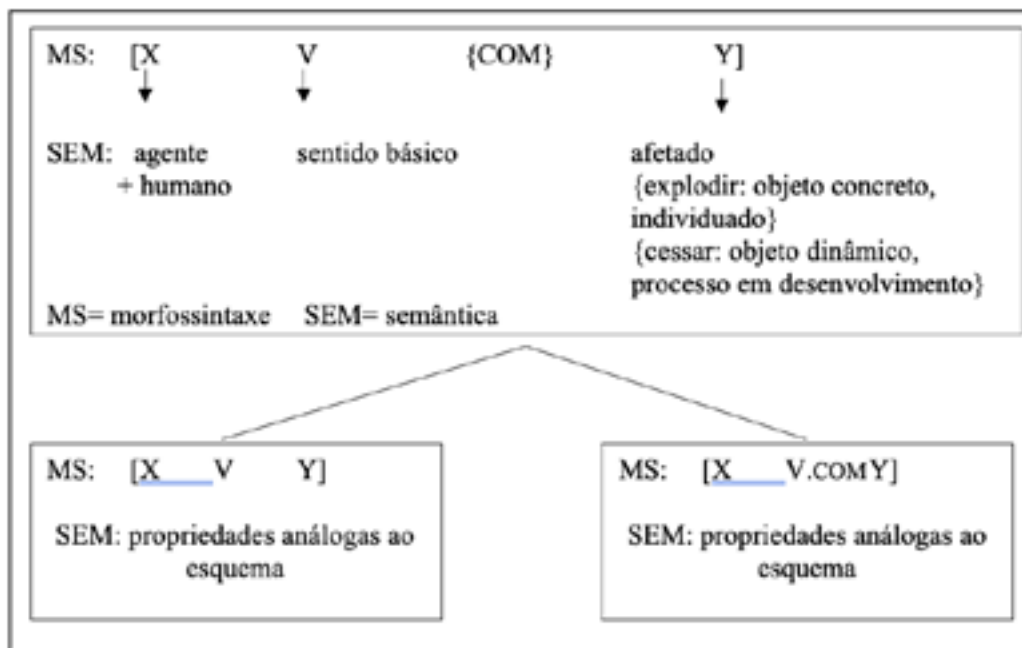
Por serem semanticamente equivalentes, Cappelle (2006) nomeia as duas construções de uma mesma variável como aloconstruções (no inglês, *allostructions*), terminologia retomada e adotada por Perek (2015). Sendo assim, da mesma maneira que, no âmbito da fonologia, os fones [tʃ] e [t] são representações do fonema /t/,  $[_{VP, trans} V Prt NP_{Direct O}]$  e  $[_{VP, trans} V NP_{Direct O} Prt]$  são representações de  $[_{VP, trans} V \{Prt\} NP_{Direct O} \{Prt\}]$ .

Não obstante, esse mesmo raciocínio não é diretamente aplicável à CTP e à CTC, na

17 Tradução nossa: convidar algumas pessoas.

18 Tradução nossa: Eles (...) queriam convidar algumas pessoas que nunca tinham visto sua casa no distrito de Sunset.

medida em que essas construções não são sempre semanticamente equivalentes – conforme veremos em 2.2. Dessa maneira, para sustentar a existência de uma relação de variação construcional, isto é, da CTP e da CTC como aloconstruções de uma mesma construção (de um esquema superordenado), faz-se necessário que sua representação compreenda o espaço em que essas duas construções se neutralizam, ou seja, em que são semanticamente equivalentes. Para isso, propomos uma esquematização em que morfossintaxe e semântica façam parte da representação, conforme vemos a seguir:



**Figura 2.** CTP e CTC de *cessar* e *explodir* como aloconstruções

Logo, a representação acima tem como objetivo estabelecer o espaço de neutralização entre a CTP e a CTC de *cessar* e *explodir*, em que ambas construções são alternáveis, isto é, passíveis de serem selecionadas pelo falante para a expressão de um mesmo valor de verdade. Ou seja, isso significa que, fora dessa configuração, isto é, quando não apresentam as propriedades semânticas apresentadas na figura 2, as duas construções não podem ser vistas como variantes de uma mesma variável. Para entender melhor o que acabamos de afirmar, vejamos, na seção a seguir, contextos de uso em que a CTP e a CTC se diferenciam.

## 2.2. Diferenças entre a CTP e a CTC

Fora do espaço da neutralização, a CTC representa uma espécie de expansão e generalização da CTP, na medida em que: 1) o verbo assume sentidos mais abstratos; 2) a construção passa a selecionar diferentes tipos de elementos, isto é, apresenta expansão *host-class* (HILMMELMANN, 2004). Vejamos, inicialmente, algumas ocorrências com o verbo *acabar*:

- (12) Trabalhei com muitos bons profissionais, mas o Ronaldo é provavelmente o melhor de todos, quer ser melhor todos os dias”, disse Rui Faria. “Podíamos chegar às 4h da

manhã depois de um jogo e de um voo longo, mas ele queria ir logo fazer tratamento muscular e pedir a um preparador físico que o ajudasse. Podia **acabar um treino** e ficar duas horas a treinar livres. – (18-09-29 BR)

(13) Outra declaração do vice de Bolsonaro, que criticou o 13º salário, também foi mencionada pelo candidato Meirelles. “O candidato Bolsonaro não gosta do Bolsa Família, e também não aprecia muito que a lei seja cumprida e a mulher ganhe o mesmo que o homem. **O vice dele quer acabar com o 13º salário e o adicional de férias**, e o economista dele quer recriar a CPMF. – (18-09-30 BR)

(14) Analistas atribuíram essa projeção inflada de Musk para contornar um erro anterior. Também em 2016, o empresário fundiu a Tesla com a Solar City, outra empresa sua de capital aberto. A fusão foi motivada diante de um possível pedido de concordata da SolarCity. **A ação acabou com a preocupação dos investidores**, mas sobrecarregou a Tesla com mais um negócio deficitário e elevou em US\$ 3 bilhões as dívidas incluídas em seu balanço. – (18-09-27 BR)

Diferentemente de *cessar* e *explodir*, não encontramos em nossos dados uma relação de variação construcional entre a CTP e a CTC de *acabar*. Isso se deve, sobretudo, ao seguinte fato: *acabar*, na CTP, assume o sentido de *concluir uma determinada atividade em curso*. Esse é o sentido que podemos atribuir à ocorrência (12), por exemplo. Além disso, a CTP de *acabar* apresenta algumas restrições quanto à seleção dos argumentos: a) na posição do sujeito, só é possível a seleção de um termo de traço + animado – sendo assim, é possível, por exemplo, dizer *eu acabei a leitura (a atividade, a tarefa, o almoço)*, mas não *a leitura, a atividade, a tarefa, o almoço acabou X* (sendo X preenchido por qualquer sintagma nominal); b) na posição do objeto, sempre colocamos um substantivo abstrato dinâmico, que designa uma ação em curso. Por isso, não podemos dizer, por exemplo, *eu acabei o cachorro, a faca, o computador*, etc. Na verdade, esse uso só é atestado em usos metonímicos, como em *eu acabei o livro* (isto é, *eu acabei a leitura do livro/a escrita do livro*).

Em relação à CTC, no entanto, *acabar* sempre assume um sentido mais abstrato, próximo à noção de extinguir um determinado processo ou elemento. Esses são os sentidos percebidos em (13) e (14). Em (13), busca-se extinguir elementos – 13º salário e o adicional de férias; em (14), um processo – uma preocupação, que representa um estado dinâmico da mente humana, cujo desenvolvimento se dá temporalmente. Paralelamente, há expansão *host-class*<sup>19</sup> dos argumentos: na posição do sujeito, é possível a seleção de elementos não humanos, como vemos em (14), *a ação*; na posição do objeto, há também a seleção de elementos não processuais, como podemos observar em (13), *13º salário e adicional de férias*. É possível o emprego também dessa

---

<sup>19</sup> Alargamos, aqui, o conceito de expansão *host-class*. Uma vez que os dados têm atestado que a CTC surgiu na língua depois da CTP, acreditamos que aquela construção, por si mesma, represente um tipo de expansão, ao permitir a instanciação de itens diferentes da CTP.



construção para a expressão de sentidos figurados, como em: *esse trabalho acabou comigo*, por exemplo, em que não há, de fato, a extinção do objeto expresso.

Desse modo, a CTP e a CTC de *acabar* podem ser distintas pelas seguintes propriedades do significado:

[X <sub>agente</sub> ACABAR Y <sub>afetado</sub> ]	[X <sub>agente</sub> ACABAR.COM Y <sub>afetado</sub> ]
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. O verbo apresenta seu sentido básico: o de conclusão de uma tarefa que vinha sido desenvolvida por um agente;</li> <li>2. O sujeito é preenchido, invariavelmente, por um termo de traço + animado (normalmente humano);</li> <li>3. O objeto é preenchido por sintagma nominal, cujo núcleo é, normalmente, um substantivo abstrato dinâmico, que denota uma ação que vinha sendo desenvolvida. Também pode ser ocupado por um pronome demonstrativo de função anafórica que remete a um substantivo abstrato dinâmico ou a uma predicação anterior.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. O verbo apresenta um sentido de extinção de um processo em curso ou de elementos (inclusive, individuados). Desse modo, é possível dizer <i>a Polícia Civil acabou com a confusão</i>, bem como <i>Pedro acabou com minha caneta</i>. É possível também um sentido figurado nessa construção: <i>Essa noite acabou comigo</i>;</li> <li>2. Há expansão <i>host-class</i> para o preenchimento do sujeito, que passa a permitir a seleção de elementos -animados (<b><i>o trabalho hoje acabou comigo</i></b>);</li> <li>3. O <i>slot</i> do objeto também sofre expansão <i>host-class</i>, que passa a possibilitar a instanciação de elementos concretos e/ou individuados (<b><i>o trabalho acabou comigo</i></b>).</li> </ol>

**Quadro 3.** Propriedades do significado da CTP e CTC de *acabar*

Vale ressaltar que dos três verbos investigados neste trabalho, *acabar* é aquele que mais apresenta diferenças entre a CTP e a CTC (que, como vimos, não mantêm entre elas uma relação de variação construcional). A nossa hipótese – para ser testada em trabalhos futuros – é a de que isso se dê em virtude tanto da longa existência da CTC e CTP de *acabar* – as duas construções convivem na língua desde o século XV (LOPES e MENEZES, 2018) – quanto de sua elevada produtividade – as duas construções são muito frequentes na língua<sup>20</sup>. Sendo assim, é possível que as duas construções tenham tido no passado uma relação inicial de variação construcional – sendo intercambiáveis em determinados contextos de uso –, mas posteriormente tenham se especializado em sentidos convencionais distintos. Trata-se, no nosso ponto de vista, de uma hipótese bastante plausível, haja vista que as investigações diacrônicas nos têm mostrado que as mudanças iniciais em uma construção são de ordem pragmática – associadas a questões de ordem metonímica, ou seja, ao contexto de uso imediato –, que depois se convencionalizam,

<sup>20</sup> *op. cit.*

atuando na modificação das propriedades semânticas e morfossintáticas<sup>21</sup>.

Observemos agora três ocorrências com o verbo *cessar*, em que a CTP e a CTC também se diferenciam:

- (15) A equipa de gestores da ReFood Algoz-Tunes anunciou hoje, domingo, 9 de setembro que vai **cessar a atividade**. “É com pesar que vimos a público oficializar o encerramento temporário das nossas atividades. Infelizmente, a falta de voluntários e as dificuldades administrativas impedem-nos de continuar a servir a comunidade de Algoz-Tunes durante os próximos meses, sendo que os atuais membros já não conseguem salvaguardar as responsabilidades de mobilização social e não há mais pessoas disponíveis a quem possamos transferir as obrigações do voluntariado e de gestão do núcleo”. – (18-09-09 BR)
- (16) Não ser proprietário, arrendatário ou titular de uma habitação no mesmo conselho. Caso você tenha um imóvel arrendado, pode concorrer com a condição de poder **cessar com o contrato atual** em determinada data, por motivos óbvios. – (18-07-07 BR)
- (17) Nos Olivais, efetivamente não me recordo de ver carros articulados, agora, se não me falha a memória, algures ainda antes de 1997, altura em que deixei de andar regularmente pela zona, a 55 era feita com B10M da primeira geração. Não sei precisar quando esse serviço começou e **cessou com esse tipo de carros**. – (15-07-05 PT)

Nos exemplos (15) e (16), [ $X_{\text{agente}}$  VERBOY  $Y_{\text{afetado}}$ ] e [ $X_{\text{agente}}$  VERBO.COM  $Y_{\text{afetado}}$ ] são aloconstruções de uma mesma variável, pelo motivo expresso na subseção 2.1: mantém-se o sentido básico do verbo e o objeto é representado por um substantivo abstrato dinâmico, com ideia prototípica de processo em desenvolvimento. Nesse sentido, seria possível propor paráfrases para (15) e (16) com manutenção do mesmo valor de verdade: (15’) *A equipa de gestores da ReFood Algoz-Tunes vai cessar com a atividade*; (16’) *Caso você tenha um imóvel arrendado, pode concorrer com a condição de poder cessar o contrato atual em determinada data, por motivos óbvios*.

Em (17), por sua vez, observamos a manutenção do sentido básico do verbo – interrupção de um processo em curso –, bem como dos termos que ocupam a posição do sujeito. Há somente uma mudança relativamente superficial no que se refere ao preenchimento do objeto. Como dissemos previamente, a CTP de *cessar* sempre seleciona como objeto um substantivo com ideia básica de processo em curso, tais como *atividade, contrato, operação, serviço, sangramento, relacionamento, perseguição, guerras, ação, ataque*, etc. Em contrapartida, na CTC, é possível encontrar substantivos que não têm ideia básica de processo (como *constituição*,

---

21 Para evidências empíricas do que afirmamos, conferir Diewald (2002) e Diewald e Smirnova (2012).

*obrigatoriedade, demônio, entidades, tipo, corpo, personalidade, etc.*), muito embora esses termos assumam essa propriedade *ad hoc* no discurso. Sendo assim, no exemplo em tela, muito embora *esse tipo de carros* não possua, por si só, uma ideia de processo, ele assume essa noção no discurso, na medida em que entendemos que o falante se refere à produção desse tipo de carro. Trata-se, portanto, de mais um caso de expansão *host-class*.

[X <sub>agente</sub> CESSAR Y <sub>afetado</sub> ]	[X <sub>agente</sub> CESSAR.COM Y <sub>afetado</sub> ]
1) O verbo apresenta seu sentido básico: o de interrupção de uma tarefa que vinha sido desenvolvida pelo sujeito;	→ Propriedades análogas
2) O termo agente é, prioritariamente, representado por um elemento de traço humano (seja porque esse traço é imanente do substantivo, seja porque o elemento faz referência a esse traço por metonímia), mas também pode ser ocupado por um elemento não humano.	→ Propriedades análogas
3) O termo afetado é preenchido por um substantivo abstrato que tem ideia de processo em desenvolvimento ( <i>atividade, contrato, produção, etc.</i> )	3) Há expansão <i>host-class</i> do objeto, que pode ser preenchido não somente por palavras dinâmicas (isto é, processos, que envolvem o curso do tempo), bem como por elementos estáticos (cuja ideia de processo é atribuída <i>ad hoc</i> no discurso, como <i>tipo de carros, obrigatoriedade, os jornais, etc.</i> ).

**Quadro 4.** Propriedades do significado da CTP e CTC de *cessar*

Sustentamos a ideia de que a forte semelhança entre a CTP e a CTC de *cessar* esteja associada a dois fatores: a) a CTC de *cessar* é relativamente recente na língua. Em investigação anterior, em que procedemos à busca diacrônica da emergência da CTC em *corpora* históricos<sup>22</sup>, os primeiros dados encontrados aparecem no século XX; b) a CTC de *cessar* é, aparentemente, pouco frequente na língua, provavelmente devido a seu sentido e uso em contextos mais monitorados ou formais. No *Corpus Now*, a estimativa é que a CTC represente somente 1% das ocorrências totais dos usos gerais do verbo *cessar*<sup>23</sup>.

<sup>22</sup> Para este trabalho, utilizamos exclusivamente o *Corpus Now*, sincrônico, em que selecionamos prioritariamente 100 ocorrências da CTP e da CTC de cada verbo (*acabar, cessar e explodir*), totalizando 600 ocorrências. No entanto, em trabalhos anteriores, fizemos uma busca em *corpora* diacrônicos, como o *Vercial* e o *TychoBrahe*.

<sup>23</sup> Além da seleção das CTP e CTC de *cessar*, fizemos, em investigações anteriores, o levantamento de 100 dados dos usos gerais desse verbo e obtivemos o seguinte resultado: 60 ocorrências da construção intransitiva (Sujeito + Verbo/ Verbo + Sujeito), 39 ocorrências para a CTP e 01 ocorrência da CTC. Em

Sendo assim, a CTC de *cessar* pode ser vista como uma expansão da CTP (desde que consideremos aquela como uma construção mais recente que esta, até mesmo pela falta de registro nas gramáticas de língua portuguesa), na medida em que aquela contém os usos previstos desta (embora o contrário não seja verdadeiro):

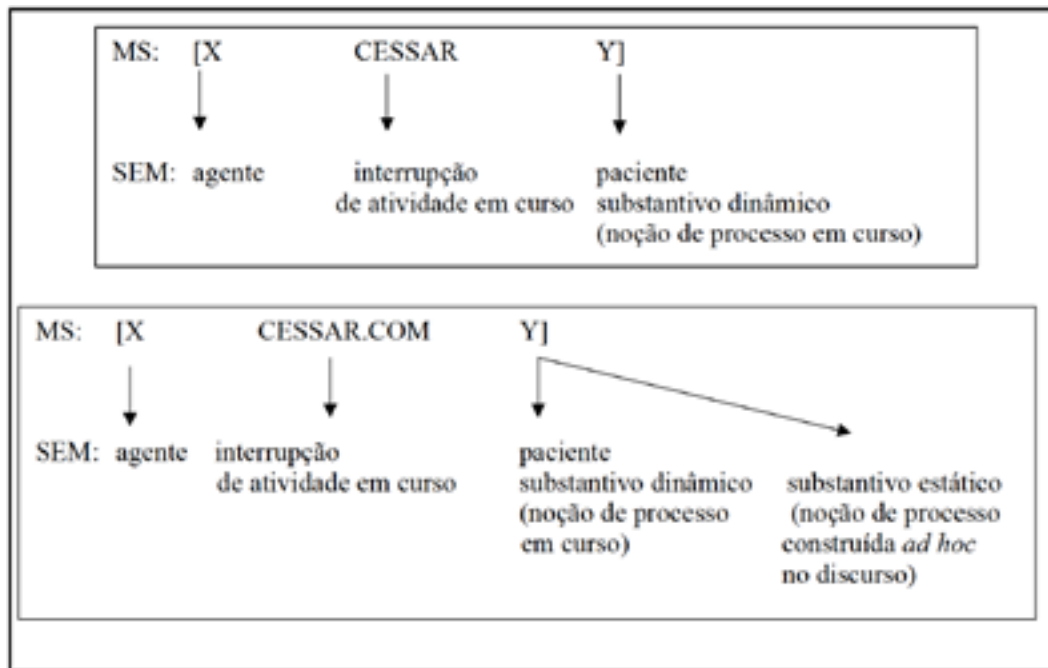


Figura 3. CTC de *cessar* como expansão da CTP

Agora, tratemos da diferença entre a CTP e a CTC de *explodir*. Num primeiro momento, faz-se necessário investigar os sentidos admitidos por esse verbo na construção intransitiva [X EXPLODIR]. Vejamos, como ilustração, três ocorrências:

- (18) Até o momento, o balanço oficial é de 27 mortos e 77 feridos. Conforme relatado à AIS por Dom Lito Lampon, bispo emérito de Jolo e hoje arcebispo de Cotabato, **uma das duas bombas explodiu** na entrada da Catedral de Nossa Senhora do Monte Carmelo, enquanto a outra no estacionamento em frente. – (19-01-27 BR)
- (19) “Não se preocupe, você só se beijaram. Ele sussurrou algo no seu ouvido, **você explodiu** e botou ele pra fora. Acho que devia ser algo sobre um trio.” – (18-08-08 BR)
- (20) A Gravadora tinha deixado o grupo em banho Maria, sem falar nas baixas provocadas pela saída do Sombrinha e do Arlindo Cruz. **Essa música explodiu**, e recolocou o Fundo de Quintal no lugar de onde ele nunca deveria ter saído. – (13-03-09 BR)

relação a *acabar*, em contrapartida, a CTC representa 60% dos dados gerais (60 de 100 ocorrências do verbo *acabar*).

Conforme podemos verificar, *explodir* assume tanto seu sentido básico quanto também outros mais metafóricos na construção intransitiva. Dessa maneira, observamos que, em (18), *bomba* é um termo concreto, mais especificamente, uma arma química passível de ser detonada. Em (19) e (20), por sua vez, apresenta um sentido mais abstrato. Do sentido original de *explodir*, apenas se recupera a ideia de uma transformação que envolve a mobilização de uma grande quantidade de energia.

No entanto, a CTP de *explodir* apresenta algumas restrições. O verbo sempre assume seu sentido básico e o objeto sempre é um elemento passível de sofrer a ação desse verbo (de ser implodido por meio da ação de uma arma química). Abaixo, em (21) e (22), temos esses sentidos expressos. Muito embora nenhum dos dois exemplos apresente a arma empregada na ação, entendemos que o agente fará a ação de *explodir coisas* (21) e de *explodir aviões e pessoas* (22) por meio da utilização de armas de alto poder destrutivo.

(21) Taylor Lautner Sylvester Stallone veio ao Brasil rodar mercenários em 2009. Até aí, tudo bem, foi bem recebido por uma legião de fãs. Quando voltou para os EUA, na coletiva de imprensa ele fez comentários super maldosos a respeito do Brasil, dizendo, em tom de piada: “Lá, você pode atirar em pessoas, **explodir coisas** e eles dizem ‘obrigado’! E aqui está um macaco para você levar para casa”. – (13-08-15 BR)

(22) Os raios ômega continuam tão devastadores quanto antes... travando em seus alvos e perseguindo-os até que os atinja em cheio. **Ele brinca de explodir aviões e pessoas**, para desespero do Flash, o primeiro a se levantar depois do ataque inicial. – (12-02-03 BR)

A CTC, por sua vez, pode ser interpretada como uma expansão de contextos de uso, na medida em que possibilita tanto os usos básicos do verbo quanto os mais abstratos. Portanto, muito embora tanto a construção transitiva prototípica quanto a construção transitiva causativa de *explodir* envolvam a transferência de energia de um agente para um paciente, elas não são necessariamente construções sinônimas, haja vista que a última apresenta novas possibilidades de significação, conforme podemos em (23) e (24). No primeiro, há a manutenção do sentido básico de *explodir*, ao passo que, em (24), há a expressão de um sentido mais abstrato, associado à ideia de briga, discussão.

(23) O 3º filme do Planeta dos Macacos ou (SPOILERS): Como fazer uma sequência depois de matar todos as personagens e **explodir com o planeta** no filme anterior? Este filme é tramado... Se um segundo filme não estava pensado quando se rodou o primeiro, então, visto o final de *Beneath the Planet of the Apes*, é que este terceiro não podia estar mesmo previsto. – (13-05-21 BR)

(24) Conte até 100 antes de **explodir com os outros**, pois por estarmos mais propensos a desconsiderar os sentimentos dos outros, podemos causar muitas mágoas e ressentimentos. – (13-02-10 BR)

Sendo assim, comparando-se a CTP e a CTC de *acabar*, chegamos às seguintes generalizações quanto às propriedades do significado:

[X <sub>agente</sub> EXPLODIR Y <sub>afetado</sub> ]	[X <sub>agente</sub> EXPLODIR.COM Y <sub>afetado</sub> ]
1) O verbo apresenta seu sentido básico: o de extinguir um objeto por meio do emprego de armas químicas.	1) É possível tanto a instanciação do sentido básico quanto de sentidos mais abstratos. Nesses últimos, não há a extinção o objeto, mas apenas a sua transformação (física ou não) por meio de uma ação que mobiliza uma grande quantidade de energia.
2) O termo agente é preenchido, normalmente, por um termo de traço + animado. É possível também atribuir esse traço por meio de relações metonímicas ( <i>o Governo explodiu o prédio, isto é, as pessoas que trabalham no Governo explodiram o prédio etc.</i> )	→ Mesmas propriedades
3) O termo afetado é um elemento concreto passível de ser extinto por meio da ação de armas de elevado poder destrutivo (como <i>peças, prédios, bancos, casas, pontes, etc.</i> )	3) Há expansão <i>host-class</i> do objeto, que pode ser preenchido por quaisquer elementos concretos que possam ser transformados por meio da ação do verbo (seja essa mudança física ou não).

**Quadro 5.** Propriedades do significado da CTP e CTC de *explodir*

Tais dados nos levam a entender que a CTC de *explodir* representa uma expansão da CTP desse mesmo verbo, como podemos conferir a seguir:

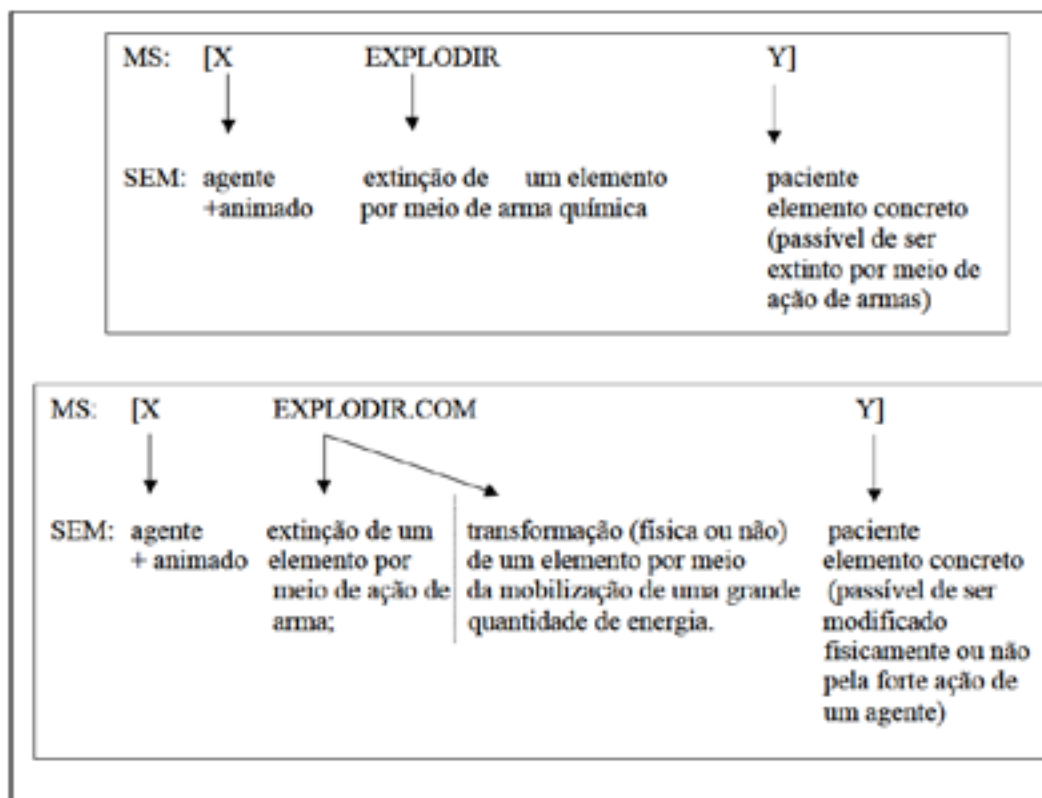


Figura 4. CTC de *explodir* como expansão da CTP

Por fim, os dados analisados permitem-nos representar a CTP e a CTC de *acabar*, *cessar* e *explodir* do seguinte modo:

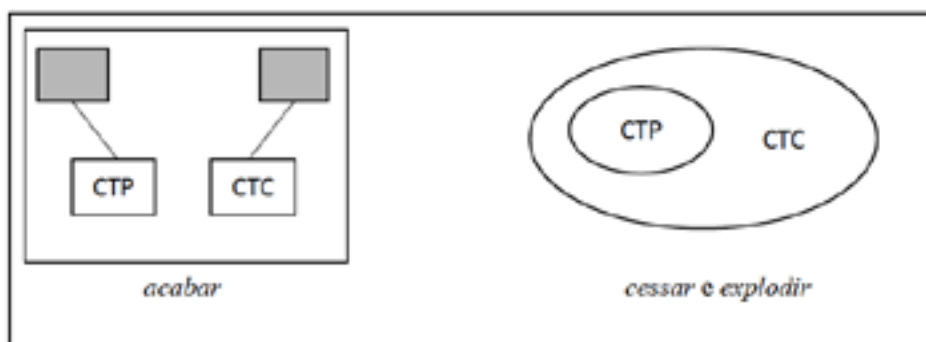


Figura 5. Generalizações sobre a CTP e a CTC de *acabar*, *cessar* e *explodir*

A figura 5 ilustra que as CTP e CTC de *acabar* e as CTP e a CTC de *cessar* e *explodir* devem ser representadas de modo diferente. No primeiro caso, a CTP e a CTC não mantêm semelhanças semânticas e, por isso, estão ligadas a esquemas diferentes na rede de construções. No segundo, a CTC é vista como uma expansão da CTP, pois permite os usos previstos pela primeira, além de outros diversos.

Defendemos que a proposta acima, para a CTP e a CTC de *cessar* e *explodir*, apresenta um raciocínio distinto do da figura 2, em que tivemos a intenção de mostrar a CTP e a CTC como

aloconstruções. Afinal, na figura 2, ilustramos que a CTP e a CTC de *cessar* e *explodir* mantêm-se em relação de variação construcional apenas em contextos em que ambas compartilham as mesmas propriedades semânticas. Aqui, no entanto, buscamos descrever a diferença, isto é, evidenciamos que a CTC compreende os usos da CTP, mas não se restringe a eles.

### **Considerações finais**

A Gramática de Construções é uma abordagem que afirma ser capaz de descrever a totalidade do conhecimento linguístico na mente do falante. Portanto, precisa abrigar, em seu modelo, categorias que visem à descrição da variação linguística, uma vez que todas as línguas naturais evidenciam a existência de modos alternativos para a expressão de um mesmo valor de verdade, conforme argumenta Hilpert (2014, p. 191):

(...) uma análise aprofundada da variação entre as construções nos permite construir um modelo bem realista de partes da *construct-i-con*. Mais especificamente, sabemos que todos os tipos de construção exigem variação, e nós sabemos que as variáveis (...) importam na relação construcional da rede. Ou seja, se o objetivo da Gramática de Construções é criar uma imagem realistada que os falantes sabem, essa é uma parte importante da empreitada.

O modelo das aloconstruções, proposto por Cappelle (2006) e Perek (2015), apresenta-se como uma alternativa para a representação da variação na abordagem construcional da gramática. Num primeiro momento, a proposta pode parecer-nos como um obstáculo ao princípio da não-sinonímia (GOLDBERG, 1995), para o qual uma mudança na forma deve implicar algum tipo de alteração nas propriedades do significado (semânticas, pragmáticas ou discursivo-funcionais). Contudo, como podemos concluir a partir dos dados analisados, é preciso relativizar esse tipo de raciocínio, na medida em que é possível duas construções distintas (tanto no polo da forma quanto no do significado) serem variantes de uma mesma variável em determinados contextos de uso. Sendo assim, por exemplo, muito embora a CTP e a CTC de *cessar* e *explodir* não sejam construções sinônimas, existem circunstâncias em que essas diferenças se neutralizam, e uma construção pode ser selecionada no lugar da outra para a expressão do mesmo valor de verdade.

Os dados descritos evidenciam que, a princípio, não há uma relação de variação construcional imanente entre a CTP e a CTC. Afinal, como vimos, a CTP e a CTC de *acabar* (nos dados analisados) não são empregadas para a expressão de um mesmo valor de verdade, ao passo que a CTP e a CTC de *cessar* e *explodir* podem guardar entre si uma relação variável, na medida em que podem ser intercambiáveis, como elucidamos ao longo do texto. Mais especificamente, além de a CTC possibilitar a expressão dos sentidos básicos da CTP, ela torna possível a emergência de novos significados, tanto por intermédio da expansão *host-class* (HILMMELMANN, 2004) quanto pela abstratização do sentido do verbo.



## Referências

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CAPPELLE, B. Particle placement and the case for “allostructions”. In: DORIS SCHÖNEFELD (ed.) *Constructions all over: case studies and theoretical implications*, Constructions, special volume 1, 2006. Disponível em: <<http://www.constructions-online.de/articles/specv011>>. Acesso em 04 de março de 2019.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. New York: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, M. A. F; COSTA, M. A; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F; OLIVEIRA, M. R; MARTELOTTA, M. E. (orgs). *Linguística funcional. Teoria e Prática*. São Paulo: Parábola, p. 21-45, 2015.

CUNHA, M. A. F; BISPO, E. B; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M; CUNHA, M. A. F (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad- Faperj, p. 13-39, 2013.

DANEŠ, F. A Three-level approach to syntax. In: DANEŠ, F; HORÁLEK; K; SKALICKA, V; TROST, P; VACHEK, J (eds.) *L'École de Prague d'aujourd'hui*. Prague: Academia, p. 225-240, 1964.

DIEWALD, G. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I; DIEWALD, G. (eds). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 104-120, 2002.

DIEWALD, G; SMIRNOVA, E. Paradigmatic integration: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: DAVIDSE, K; BREBAN, T; BREMS, L. MORTELMANS, T. (eds). *Grammaticalization and Language Change: New reflections*. Amsterdam: John Benjamins, p. 111-133, 2012.

GOLDBERG, A. *A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. Surface generalizations: an alternative to alternations. In: DIVJAK, D. *Cognitive Linguistics*. Berlin: Walter de Gruyter, 2002.

HILMELMANN, N. Lexicalization and grammaticization: opposite or orthogonal? In: BISANG, W; HILMELMANN, N; WIEMER, B. *What Makes Grammaticalization – A Look from its Fringes and its Components*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 21-42, 2004.

HILPERT, M. *Construction Grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

LABOV, W. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Working Papers in Sociolinguistics*, Issue 44. Austin: Southwest Educational Development Laboratory, 1978.

LAMBRECHT, K. *Information Structure and Sentence Form: Topic, Focus, and the Mental Representations of Discourse Referents*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LANGACKER, R. *Cognitive Grammar*. New York: Oxford University Press, 2008.

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? In: *Language and Society*, v. 7; n. 2. Inglaterra: Cambridge University Press, p. 171-182, 1978.

LOPES, M. G. Transativização de desaparecer em perspectiva cognitivofuncional. Tese de doutorado. Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 178p, 2015.

LOPES, M. G. Transativização de sumir e desaparecer no português do Brasil: um caso de construcionalização lexical. *Revista Entrepalavras*, Fortaleza, n. 4., v. 7, 2017, 18 p. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/729>.

LOPES, M. G.; MENEZES, V. M. C. A formação do sub-esquema argumental causativo no português brasileiro. *Revista Confluência*. Rio de Janeiro, n. 54.,v.1, 2018, 23 p. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/213>.

MARTELOTTA, M. E. Funcionalismo e metodologia quantitativa. In: OLIVEIRA, M. R; ROSÁRIO, I. C. (orgs). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, p. 1-20, 2009.

PEREK, F. *Argument Structure in Usage-Based Construction Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2015.

ROSÁRIO, I. C; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Revista Alfa*, São Paulo, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016.

ROSÁRIO, I. C; Redes Construcionais de correlações oracionais aditivas e disjuntivas em língua portuguesa. IN: TENUTA, A; WOLF, H-G; COLEI, P; COELHO, S; SCHRÖDER, U. *International Symposium on Linguistics, Cognition and Culture Book of Abstracts (2019)*. Disponível em: [http://www.letras.ufmg.br/padrao\\_cms/documentos/eventos/simposiolcc/Caderno%20de%20resumos%20LCC.pdf](http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/simposiolcc/Caderno%20de%20resumos%20LCC.pdf). Acesso em 29 de mar. 2019.

WEINER, J; LABOV, W. Constraints on the agentless passive. In: *Journal of Linguistics* 19, p. 29-58, 1983 [1977].